

“QUE PROFESSOR EU SOU? QUE PROFESSOR EU POSSO SER?” CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFACE ENTRE PSICANÁLISE HUMANISTA-EXISTENCIALISTA E FORMAÇÃO DOCENTE

Ivani Cristina Brito Fernandes ¹
Amanda da Silva Oliveira ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre as questões de ensino-aprendizagem da contemporaneidade, principalmente em tempos de isolamento social. Para tal, entende, pela teoria crítica de Viktor Frankl, o conceito de *sentido da vida* na formação docente, o que permite ver a Logoterapia aplicada à Educação. Para refletir sobre o tema, temos como base metodológica a pesquisa exploratória e explicativa para apresentar como esse projeto interfere no fazer docente e de que maneira as metodologias ativas da educação podem colaborar para não só centrar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, mas de que maneira professores e alunos são responsáveis por essa relação ao longo do método educacional que nos exige os tempos atuais, mudando a *indiferença* pelo *protagonismo* dos sujeitos. Para finalizar, desenvolvemos brevemente, de maneira ensaística, como as realidades sociais atuais interferem nos papéis dos indivíduos e de que maneira essa compreensão ativa novas ações de seus protagonistas, entendendo o professor como mediador desse sistema.

Palavras-chave: Formação de professores, Metodologias ativas, Sentido da vida, Ensino-aprendizagem, Psicanálise humanista-existencial.

INTRODUÇÃO

De modo geral, a questão educacional brasileira e a formação/engajamento docente no processo de ensino, de forma mais específica, são temas que frequentemente são debatidos pelo público especializado e leigo, em especial nesse momento ímpar de isolamento social, que nos proporciona uma revisão de metodologias e perspectivas teóricas e práticas sobre a natureza e o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

¹ Professora Associada do Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol (modalidade presencial e EaD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS, icrisifer@gmail.com;

² Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol (modalidade presencial e EaD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS, profeamandaoliveira@email.com;

A maioria dos comentários se centram sobre a necessidade de adaptar-se à nova realidade que o isolamento determina: um ensino remoto, muitas vezes, baseado em metodologias ativas e domínio de novas tecnologias de comunicação e informação (TICs). No entanto, em um país, cuja desigualdade social se apresenta em um grau ultrajante, a grande maioria dos discentes de diversos níveis e localidades estão excluídos parcial ou totalmente do ensino *on-line*. As razões mais citadas são: 1) acesso difícil ou inexistente a uma internet de qualidade, seja por questões técnicas, seja por questões financeiras; 2) acesso difícil ou inexistente a computadores, pois parte dos alunos possuem apenas celular; 3) dificuldade ou ausência de orientação e acompanhamento pelos responsáveis.

Por outra parte, a situação não é menos trágica do lado docente. Sem logística e estratégia organizadas e amplas por parte do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Ensino, os professores foram obrigados a se adaptarem ao trabalho remoto sem as condições necessárias para realizar tal atividade. A falta de articulação política generalizada que não se limita à área do ensino impôs aos professores e gestores escolares a recorrerem à improvisação para elaborar e executarem as aulas *on-line*, posto que a dificuldade de acesso à internet e aos computadores equipados também atingiram o grupo docente.

Mesmo na rede particular de ensino, com melhores condições de acesso à rede e às tecnologias, de forma geral, também encontramos relatos de alunos e professores sobre sintomas de estresse, desorientação e sobrecarga de atividades. Inclusive, os docentes são alvo de cobranças quanto à qualidade das aulas e à ameaça de desemprego, devido à desistência de alunos. Como consequência, os docentes dessas instituições convivem com uma carga extra de pressão emocional e mental, de modo contínuo.

Além disso, cabe mencionar que educandos e educadores vivenciam uma rotina mentalmente estressante, por conta das incertezas da situação da pandemia, às instabilidades econômicas e à convivência conflitiva entre vários membros da família, muitas vezes, compartilhando espaços insuficientes e coletivos, o que contribui negativamente para o desenvolvimento de atividades didáticas. Por último, também se observa, entre os alunos e os professores, a deterioração da saúde física e mental dos indivíduos, muitas vezes causada por situações em que esses sujeitos convivem, na mesma habitação, com pessoas enfermas, ou quando não são eles mesmos que vivenciam esse estado.

Ao considerar essa desarticulação generalizada na área do ensino, principalmente por conta de nossa realidade como professoras de cursos de Licenciatura em Letras Espanhol, nas modalidades presencial e EaD, perguntamo-nos quais iniciativas nos restam para amenizar tais obstáculos ou, pelo menos, indicar uma direção para encontrar alternativas na formação de

professores. Diante de inúmeras dificuldades e conflitos, é necessário pensar em uma perspectiva mais integral, visto que os desafios que acompanham a pandemia de Covid-19 e, posteriormente, o isolamento e a desigualdade sociais, vão mais além do que um problema de estrutura política, social, cultural e histórica.

Porém, se pensamos em tal processo no sentido de experiência e transformações que podem ser integradas na nossa narrativa e que, inclusive, podem mudar a direção de nossos projetos de vida, podemos entender que todas as etapas chegam ao fim e sentidos até então atuais perdem força para que se deem lugar outros novos sentidos, caminhos, desejos e ideias, que vão integrar uma readaptação do projeto de vida atual ou, até, a incorporar um novo projeto mais coerente com as suas novas vivências. Inclusive, diante de situações desafiadoras e que provocam angústia, ainda temos a liberdade de escolha em como se pode agir diante de tal contexto. Independentemente do acontecimento, a maneira como o percebemos, vivenciamos e o integramos na nossa narrativa é o que vai direcionar a nossa postura mais ativa ou mais passiva diante de cada fato. Nossa reflexão percorrerá tal orientação.

METODOLOGIA

Ao considerar o contexto atual em que ainda estamos vivenciando os eventos aqui esboçados, temos a metodologia a partir de pesquisas exploratória e explicativa para nos auxiliar no desenvolvimento de nossas discussões.

Entendemos a pesquisa exploratória como aquela que procura esboçar um perfil mais nítido sobre a problemática apresentada e, conseqüentemente, elabora hipóteses de trajetos que levem a soluções adequadas. Nesse caso, buscamos na pesquisa bibliográfica, na leitura de reportajes sobre a situação educacional na pandemia e na problematização dos cenários representados e, em especial, vivenciados em primeira pessoa, uma vez que somos professoras formadoras e, portanto, acompanhamos intimamente as causas da pandemia, das desigualdades sociais e tecnológicas e do isolamento social e as conseqüências desse conjunto na Educação.

Por outro lado, a pesquisa explicativa nos auxilia a identificar os possíveis motivos do cenário apresentado e, partir disso, se traça hipóteses de soluções. No presente artigo, tal método nos auxilia a construir um espaço de reflexão e futura atuação que é fundamental em circunstâncias em que problemas contemporâneos são analisados por entes que estão vivenciando os acontecimentos.

Dessa forma, o nosso processo ensaísticos visa articular as metodologias exploratória e explicitiva para possibilitar questionamentos e hipóteses que nos direcionem a caminhos profícuos para enfretar os desafios educacionais (pós-)pandêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia de Covid-19 e o isolamento social nos trouxeram uma situação caótica em múltiplas perspectivas que desestrutura a base de uma rotina quase sempre automatizada. O que se está chamando de “o novo normal” nada mais é que um alerta sobre a necessidade de se observar o ser humano na integralidade, em suas diversas facetas e singularidades. Esse olhar não deixa de ser uma (re)construção na qual o processo educacional tem muito a dizer, como nos revela a psicanalista e socióloga Mrech, quando afirma que:

a Educação não [é] uma profissão qualquer. Ela é uma das atividades que pertencem a ordem do incompleto. Uma profissão que nunca se fecha em si mesma. Uma profissão que se encontra sempre aberta aos laços sociais que ela estrutura por meio do ensino, da pesquisa, dos cursos de atualização, de formação, de extensão etc. Como afirmava Freud, a Educação é uma profissão impossível. Não porque ensinar, educar seja impossível. Mas, porque nunca se ensina e nem se educa da mesma forma. O projeto educacional sempre se transforma, ele nunca é o que foi anteriormente [...]. Por quê? Porque os alunos são outros, o contexto é outro (MRECH, 2005, p. 28-29).

Ao vermos a Educação como um *devoir*, é dizer, algo em constante transformação em direção a um futuro, podemos presumir que esse fato se deve a própria compreensão do que é o humano, em que se articulam limitações e possibilidades na inter-relação consigo mesmo e com o outro. Nesse sentido, a Psicanálise humanista-existencial nos aponta algumas questões referentes ao sentido da vida, a liberdade de escolha e a responsabilidade em assumir consequências. Segundo Erich Fromm (1977), o pai da psicanálise humanista, o homem apresenta duas grandes forças antagônicas. Por um lado, temos a biofilia, que se refere a um conjunto de traços que revela um amor pela vida. Por outro lado, a necrofilia se vincula ao amor pela morte. Nos dois casos, as emoções, os sentimentos, os pensamentos, os movimentos corporais, as posturas e as ações do sujeito são influenciados por tais forças. Contudo, a primeira se orienta para a preservação da existência e a segunda, para sua destruição.

Ainda segundo a perspectiva frommiana, é essencial entender que a condição humana depende de uma integralidade formada por três eixos: 1) o corpóreo; 2) o psicossocial e 3) o espiritual (no sentido antropológico do termo). O desequilíbrio entre a articulação de tais eixos pode acarretar sintomas em diversas áreas, em que o mais evidente no contexto de pandemia é o de *indiferença* à vida como um indício de deterioração do humano, na qual se percebe uma total ausência de valorização da existência de si e do outro, levando o sujeito aos domínios da

São inúmeros enunciados — desde representantes de país e da elite a cidadãos comuns — em que as milhares de mortes são menos problemáticas que os prejuízos econômicos.

O sentido de morte e inutilidade também está presente nas inúmeras afirmações sobre o ano letivo de natureza desanimadora, cuja essência se resume em “o ano está perdido”. Nesse caso, o que importa são os números: os minutos de aulas e dias letivos cursados; as avaliações realizadas; as atividades de casa enviadas e as notas conseguidas. Em realidade, observamos um movimento de negação do acontecimento de “morte” simbólica de uma rotina, pois existe uma dificuldade de aceitar que haverá um luto de uma realidade conhecida para que outra possa renascer. No entanto, nem todos estão preparados para essas e outras rupturas.

Dito isso, cabe recordar os três principais valores do existencialismo: a) liberdade de escolha; b) conhecimento das singularidades próprias e dos demais, respeitando-as e c) responsabilidade pela existência, implicando no autoconhecimento de afetos e sentimentos. Desse modo, a liberdade é inerente à condição humana, pois, mesmo quando pensamos em não escolher ou deixamos que os demais escolham por nós, isso já é uma eleição por si só. Por outra parte, para escolher de forma coerente, necessitamos identificar e compreender nossos afetos e sentimentos para poder interpretar como sentimos e concebemos a nossa própria existência. Por fim, ao ter liberdade e conhecimento das premissas na qual se baseiam nossos percursos de escolhas, isso também significa que temos responsabilidade por elas e, conseqüentemente, por nossa existência. Mesmo em situações-limites, como em guerras e desastres naturais, cujas circunstâncias nos subjugam e nos limitam, ainda podemos exercer a liberdade de como reagir diante de cada evento, por mais trágico que seja. Portanto, a noção e o exercício dos valores de liberdade, singularidade e responsabilidade estão implicados em um modo de vida que prima por uma concepção humanista-existencial de vivenciar as experiências.

Toda esta série de premissas pode convergir para um caminho um pouco mais existencial e filosófico, mas, nem por isso, impossível de ser colocado em prática: *o questionamento sobre a responsabilidade de cada ser humano em encontrar alternativas para justificar o seu sentido singular de sua vida*. Entre as várias bases teóricas pelas quais poderíamos refletir sobre o tema, optaremos pela análise existencial relacionada a logoterapia (logo=sentido), do neuropsiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905-1997), principal nome da

escola vienense de Psicoterapia³. Tal linha se concentra no sentido da existência humana e na busca pessoal por tal sentido, visto que:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são ‘nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações’. [...]. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores! (FRANKL, 2018, p. 124-125).

Dessa forma, um dos modos de exercer ideais e valores está na área do trabalho, que, desde o século passado, deixou de ser apenas um meio de subsistência para tornar-se um modo de exercer a singularidade do sujeito e de deixar um legado no seu círculo de influência. É por isso que temos o discurso imperativo de que “preciso encontrar um trabalho que eu ame”, representando a relação entre trabalho e ideal de vida. Nesse contexto, Frankl (2018, p. 133) ressalta que o que importa “não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento”.

Apesar do contexto atual do professor durante o isolamento social, vemos o quão essencial é questionar-se sobre a essencialidade de seu trabalho para a construção de sua narrativa e para a narrativa do outro, o que o transforma em um protagonista responsável por sua existência, e não apenas uma vítima das circunstâncias. Assim, a atual situação de isolamento social que provoca a transformação do ensino presencial tradicional ao ensino remoto por meio de metodologias ativas força o docente a repensar o lugar da docência no seu projeto de vida.

Em tal contexto, o *sujeito-docente* pode perceber que estava vivenciando um cotidiano automatizado que não lhe acrescentava experiências enriquecedoras e, com tais mudanças, chegou o momento de reformular a sua noção de ensino, de professor e de didática para algo que tenha sentido para si e para o outro. Também pode suceder que, dentro dessa crise, o sujeito-docente note que a docência não é coerente com as suas formas de ser-no-mundo como ocorria antes e que, nesse caso, se deve ter coragem para partir a outros rumos que lhe proporcionem experiências mais significativas para ele, nesse novo momento. De qualquer forma, a dedicação à docência deve ser uma escolha diária, posto que visa a um trabalho cuja (inter)subjetividade é baseado em um espaço de mútua interação.

³ A primeira escola se vincula às teorias de Sigmund Freud (1856-1939) e a segunda se refere aos estudos de Alfred Adler (1870-1937).

Não se deve entender essa reflexão como um convite ao abandono generalizado do processo educacional e suas peculiaridades. O que se quer enfatizar é o fato de que cada sujeito deve ter *responsabilidade* pela escolha consciente pela docência, em especial em momentos caóticos, pois tal profissão não pode mais ser considerada como uma atividade transitória ou própria de indivíduos que concebem a Licenciatura em uma determinada área de conhecimento como a única alternativa para realizar o desejo de completar uma formação no Ensino Superior. Nem que seja um “dom” cujo papel seja o de desempenhar-se como mártir.

Assim, a docência não pode ser mais uma fuga irrefletida, mas uma escolha consciente do indivíduo, pois “o papel do educador é o de colaborar no processo de humanização e de autonomia do discente, discente este que deve ser compreendido como um indivíduo dotado de inúmeras potencialidades e que deve *aprender a dizer a sua palavra*” (COTTA, 2020, p. 50). Inclusive, a filosofia educacional freiriana possui influência de Fromm no que diz respeito à biofilia, ou seja, ao amor à vida. Neste caso, o ato de ensinar e aprender reciprocamente por meio da escuta ativa e do exercício de atitudes que prezam a valorização integral das potencialidades do ser humano configura a própria essência de fazer docente dentro de uma matriz biofílica.

Por outra parte, o isolamento e a pandemia proporcionam uma reflexão sobre o real sentido do processo educacional na tal formação integral, que vai além do aspecto instrucional e profissional. A formação integral do humano passa por compreender a noção de existir e coexistir. Em tal quadro de valorização da (inter)relação e da (inter)subjetividade, as teorias vinculadas ao mindset de crescimento⁴ e às metodologias ativas⁵ ganham uma nova perspectiva e significado prático, relacionado ao processo de aprendizagem pertinente à particularidade da existência de cada ser humano. A singularização de cada caso, portanto, se torna primordial, pois “em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida *respondendo* por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável” (FRANKL, 2018, p. 133).

Desse modo, o fundamento principal da existência humana é “trazer o homem à consciência do seu ser-responsável” (FRANKL, 2016, p. 81). Nesse contexto, o professor poderia ressignificar sua profissão docente como um momento ímpar para sua aprendizagem,

⁴ Aqui nos referenciamos à obra célebre de Carol S. Dweck, *Mindset: a nova psicologia do sucesso*. Objetiva: 2017.

⁵ A obra referência é a de Lilian Bacich e José Moran, *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. Penso: 2018.

em primeiro lugar, conectando-se ao conceito da psicologia social de *mindset* de crescimento⁶ e da didática de metodologias ativas⁷. Ao pensar que o processo de aprendizagem é interativo e de coexistência, tal postura auxiliará o processo de aprendizagem do outro e, por sua vez, de si mesmo. Inclusive porque ninguém pode ensinar e aprender adequadamente sobre algo que não conhece na teoria nem vivenciou na prática.

Conforme Frankl (2018, p. 135), há transformações no sentido da vida conforme a situação, mas tal sentido nunca se extingue. Assim, há três modos distintos de desvendar o sentido da vida: “1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável”. Ao observar esses três eixos, percebemos que o trabalho docente em época de isolamento social se ajusta nas três possibilidades.

Na primeira, o fazer docente no contexto desafiante do isolamento pode nos fazer notar que a ação de um faz diferença na vida de vários indivíduos, não no que se refere ao conteúdo, mas como conexão no meio de uma experiência singular de enfrentar um desafio único desde perspectivas distintas. Nesse contexto, favorece-se a empatia e a escuta ativa. Na segunda, a experiência de (des)conexão por meio dos meios tecnológicos pode nos fazer refletir sobre a essência da presencialidade e da virtualidade no processo de ensino e aprendizagem, nas e das metodologias ativas, o que pode nos fazer compreender as potencialidades do ensino híbrido. Por fim, na terceira, recordando a afirmação harariana de que a dor e o medo são reais⁸, a conexão concreta e simbólica entre professores e alunos podem permitir a criação de um espaço simbólico em que se compartilhem as dores e as incertezas diante do medo da morte e do insondável, transformando tragédias em uma conquista da essência humana.

Nesse sentido, as orientações de natureza humanista-existencial para os docentes e discentes podem colaborar para o entendimento do sofrimento humano no contexto de isolamento social na área de Educação, uma vez que se persegue “o processo histórico singular capaz de relacionar o psiquismo e realidade sócio-histórica dentro de uma perspectiva clínica e biográfica” (CASTRO, 2012, p. 52). Além disso, sabemos que a situação em que o sujeito se encontra pode limitar suas ações, pois, de acordo com a visão sartreana, a noção de situação é

⁶ Para Carol Dweck, “acreditar que suas qualidades são imutáveis - o *mindset* fixo - cria a necessidade constante de provar a si mesmo seu valor” (2017, p. 14), enquanto que o *mindset* de crescimento “se baseia na crença de que você é capaz de cultivar suas qualidades básicas por meio de seus próprios esforços” (2017, p. 15).

⁷ Para Lilian Bacich e José Moran, “metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção da sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo” (2018, s/p).

⁸ Aqui fazemos referência à obra de Yuval Noah Harari, *21 lições para o século XXI*. Companhia das Letras: 2018.

entendida como um “conjunto da realidade sócio material em que este se encontra que, por sua vez, limita e determina a ação em função de seu conjunto de objetos prático-inertes” (CASTRO, 2012, p. 54). Em outras palavras, não se deve desconsiderar o contexto imediato do sujeito, mas integrá-lo a partir da valorização de um *projeto de vida*, por exemplo.

Portanto, a ação humana não pode ser alienada ou indiferente, em especial no que se refere a um processo educativo como integrado a um projeto de vida do sujeito-docente, no sentido de que tal sujeito possa perceber o ato de ensinar-educar como parte de sua singularidade e de suas ações, que tecem a sua narrativa e seu “ser no mundo” com significado. Por outro lado, para o sujeito-discente, a postura ativa no processo de aprendizagem permite que o sujeito também se responsabilize por um projeto de vida, dele mesmo, por um porvir consciente.

Esse protagonismo dos sujeitos diante do contexto adverso não exclui as diversas dificuldades emocionais e sociais na situação de aulas remotas, em um contexto de desigualdade e desarticulação política. No entanto, permite fortalecer as potencialidades do sujeito em direção à construção de um projeto de vida transformador e coerente com suas singularidades. Por outro lado, esse fortalecimento incide positivamente nos aspectos corpóreo, psicossocial e espiritual-antropológico da condição humana desde a perspectiva frommiana.

No entanto, não devemos esquecer que tal visão humanista-existencial se integra a um mundo de visão liberal e tecnológica, baseada na visão do homem a partir do seu desempenho em diferentes contextos, muitas vezes vinculados à virtualidade das interações e pluralidade de modos de agir e entender as experiências. Tal panorama implica pensar o ensino a partir de uma visão que articule diferentes metodologias, que vise à formação humana de modo mais pragmático e o prepare para o mundo do “devir”.

Acredita-se que a revolução da educação esteja na maneira como relacionaremos os mundos real e virtual às realidades pedagógicas de aprendizagem. Nesse sentido, inovação disruptiva se coloca como perspectiva de aprimoramento da educação, ao entender que os espaços social e educacional estão intimamente interligados, e urge a necessidade de que o ensino seja, mais do que nunca, voltado às realidades do professor e do aluno.

A perspectiva que esse tipo de inovação proporciona tem direta relação com o ensino *on-line*, uma vez que esse tipo de ensino começou como uma possibilidade estratégica aos usuários de um sistema em que a sala de aula e a presencialidade não atingiam plenamente as necessidades das quais determinados alunos exigiam. Isso, no entanto, não representa a ausência do aluno em sala de aula, de maneira que o impossibilite de seguir com o ensino

O ensino híbrido, nesse sentido, mostra-se como um fenômeno que alia ambas estruturas de práticas pedagógicas, em nome da melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Em se tratando da realidade que ora se apresenta, com a necessidade de um isolamento social e com a possibilidade de uma pandemia assolar e reconfigurar as noções de consciência identitária e social dos indivíduos, a aprendizagem se coloca como algo além do que o ensino: é, de alguma maneira, o que determina a forma como as pessoas se nortearão em suas experiências e em como elas se relacionarão no mundo. Aprender a/e adaptar-se passam a ser necessidades do “novo normal”. Se antes a educação e o ensino já exigiam um componente que atendesse à demanda da heterogeneidade identitária, econômica e social dos alunos em relação à aprendizagem das instituições de ensino, hoje, essa tendência se coloca como urgente e primordial, uma vez que não são só as intencionalidades e objetivos do ensino que se questiona, mas sim, e fundamentalmente, as constituições de sujeito e do que realmente *vale a pena*, em contextos críticos e extremos, como o que estamos hoje passando.

A realidade tecnológica pode ser a realidade educacional e isso tem a ver com a tendência atual entre a tecnologia na vida das pessoas e a escola, que é o espaço de aprendizagem para a vida. Em determinadas ocasiões, no entanto, questiona-se sobre se esse tipo de ensino seria para todos, uma vez que, apesar de opção interessante, ela poderia, em se tratando de recursos, ser uma alternativa a escolas de poucos ou falta deles. Mais do que isso, percebe-se que as urgências educacionais ultrapassam as questões econômicas, e assimilar a presente realidade é uma forma de perceber que a educação passa hoje por novos paradigmas, mas, sobretudo, por novas necessidades.

As noções dos papéis da hibridez e da ruptura na educação nos confere refletir sobre que papel social e humanista queremos que a escola desempenhe. É importante que se perceba que “como o ensino *on-line* ajuda os estudantes a *saber*, as escolas devem ser capazes de se focar, cada vez mais, em ajudar os estudantes a *fazer* e a *ser*” (HORN, STAKER, 2015, p. 80). Para tal empreitada, o professor, ao ter claro qual seu sentido de vida e de sua profissão, consegue estabelecer relações afetivas com os alunos, em que ambos contribuem para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, pois, ambos, professor e aluno, têm consciência de que esse processo se dá pela responsabilidade que cada sujeito oferta no exercício de seu papel de docente e de discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse percurso que considera, por um lado, a condição humana em um contexto caótico cujo pano de fundo é o trabalho docente e, por outro, as inovações metodológicas por meio da disrupção no ensino, pretendemos refletir sobre as considerações sobre a formação e o aperfeiçoamento docente que levem em conta as mudanças abruptas que o isolamento social em um panorama pandêmico pode ocasionar.

Como formadores de professores, entendemos que as ineficientes políticas públicas na área da Educação e o acesso deficiente às novas metodologias e seus respectivos recursos influenciam na percepção e na atuação docentes. Porém, acreditamos que também surgem contextos de discussões com visões mais integrativas e solidárias que apontam a ressignificar propostas inovadoras que já se apresentam, mas que são mal compreendidas ao serem indicadas como “única solução, bastando o docente aplicá-la com criatividade”. Como já sabemos, boas ferramentas não exercem aperfeiçoamento se não são operadas por profissionais que sabem o valor do seu ato na sua experiência e na experiência dos demais.

As metodologias ativas, inovações disruptivas e ferramentas tecnológicas em geral podem proporcionar um desenvolvimento de uma postura ativa do sujeito, mas só para aqueles que já tenham se comprometido com o seu singular projeto de vida, coerente com seus modos de vivenciar as experiências. E tal integração entre uma visão humanista existencial e uma visão de tecnologia inovadora que visa a proatividade é que falta no momento de conceber o processo de ensino e aprendizagem na formação e aperfeiçoamento docente. No entanto, o contexto de isolamento social que impele uma mudança drástica de interação didática que valoriza a virtualidade, a autonomia e o manejo de novas tecnologias requer que devemos pensar agora sobre um mundo pós-pandemia na Educação. Acreditamos que mais que a melhoria, a sociedade pós-isolamento exige que transformemos nossa realidade escolar.

Em se tratando de nossa perspectiva aqui adotada, na área da Psicanálise humanista-existencial, uma possibilidade é ressignificar a figura do professor como um “mediador ou orientador” de potencialidades e de posturas resilientes diante do caos em vivenciar as perguntas ainda sem respostas. Tal ressignificação (re)integra a dimensão do trabalho docente a construção de um legado do sujeito-professor, permitindo a reorientação existencial a favor de um modo de ser significativo.

Não se pode permitir que a profissão docente se limite apenas a uma ocupação remunerada e, muitas vezes alienante, ainda mais quando se trabalha com um processo integrado de formação humana. O custo disso seria fortalecer uma postura necrófila de indiferença à vida, seja no sentido concreto, seja no sentido abstrato. Os resultados disso têm sido caóticos ao longo dos anos; nas exigências atuais, têm se transformado em casos de saúde

A pandemia está nos mostrando as duas forças frommianas em ação. Por um lado, a força biofílica da solidariedade, do pertencimento e da transcendência por meio de um projeto de vida. Porém, por outro, também se apresenta forças necrófilas de irracionalidade, de negacionismo, de individualismo e, enfim, de indiferença como uma faceta do mal humano.

Uma das alternativas é que tal trabalho possa focar o contato com as experiências, as narrativas, os afetos, as angústias, os sofrimentos, os desejos e, por fim, os modos de ser e sentir as vivências do sujeito-professor. Posteriormente, ao introduzir um processo de autoconhecimento, o sujeito-docente poderá integrar, reinventar ou, até mesmo excluir o trabalho docente de um projeto de vida maior que seja coerente com suas singularidades e o desejo de construção de um legado que o represente de um desejo de transcendência no seu entorno.

A formação do professor requer mais que o reconhecimento do aluno como centro da aprendizagem: ela exige a crença de que ambos são protagonistas nesse sistema. Mais que a ideia dos alunos como centrais, necessita-se desenvolver professores centrais, pois é ele o cerne que movimenta todo o processo. Para que o aluno seja protagonista da aprendizagem nos espaços escolares, sejam eles virtuais ou físicos, precisamos de um professor com autonomia suficiente para entender seu papel de mediador, de orientador, mas também de planejador dessa realidade ofertada ao aluno.

Assim, como professoras de curso de Licenciatura em Letras Espanhol, nas modalidades presencial e EaD, defendemos a *maturidade* da figura do professor, que entende sua profissão não como dom, doutrina ou falta de opção, mas como uma responsabilidade de gestão de perfis heterogêneos em uma instituição de ensino que visa ao comprometimento da formação, da realização e da constituição não só de um aluno - mas de um sujeito crítico-social. O professor é o formador e deve entender que a aprendizagem é o que direciona nossas realidades, nossas experiências, aquilo que somos. Como projeto de vida, o professor é aquele indivíduo que entende o seu papel na sociedade atual, e vê de que maneira o seu fazer docente interfere, afeta, forma, direciona e proporciona o sentido de vida de si e de seus alunos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Fernando Gastal de. **Estudos de psicanálise existencial**. Curitiba: CRV Editora, 2012.

COTTA, Denis. “A arte de ensinar: a valorização das potencialidades do educando”. In: ABREU, Janaina M.; PADILHA, Paulo Roberto. **Aprenda a dizer a sua palavra**: artigos



Realizados durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020.

FLANKL, Viktor E. Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

FROMM, Erich. **O coração do homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

HORN, Michael B; STAKER, Heather. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Trad. Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2015.

MRECH, Leny Magalhães (org.). **O impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Avercamp, 2005.